

GRAFIAS NÃO CONVENCIONAIS DOS DÍGRAFOS CONSONANTAIS EM DADOS DE ESCRITA INICIAL

LORENZO STEINHORST RICHETTI¹; NATHALIA VITÓRIA REINEHR²; LISSA

PACHALSKI³; ANA RUTH MORESCO MIRANDA⁴

*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – lorenzo.richetti@gmail.com*¹

*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - nathaliavreinehr@gmail.com*²

*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - pachalskil@gmail.com*³

*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - anaruthmmiranda@gmail.com*⁴

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas do Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE/FaE/UFPel) buscam compreender as hipóteses elaboradas pelos aprendizes acerca de conhecimentos linguísticos já internalizados na aquisição da fala e também aqueles relacionados ao sistema ortográfico, os quais se articulam no processo de alfabetização. Com foco no erro ortográfico, o GEALE analisa dados de escrita encontrados em textos espontâneos produzidos por crianças de escolas públicas e particulares. O grupo analisa os erros (*orto*)gráficos¹, com categorias definidas a partir de estudos realizados nos 20 anos de atividade. A classificação busca apontar a natureza dos erros considerando dois sistemas preponderantes, o *fonológico* e o *ortográfico*, influentes na aquisição da linguagem, processo que abrange tanto a aquisição da fala como da escrita. Além disso, outro sistema tem sido considerado a partir das investigações realizadas, o *fonográfico*, que diz respeito a aspectos do funcionamento da escrita responsáveis por erros que não possuem motivação vinculada aos sistemas anteriores. Os erros motivados por esta categoria apresentam características específicas como omissões e inserções de letras e sílabas sem motivação fonológica, além do traçado não convencional das letras. Este trabalho, subsidiado por outras investigações relacionadas (RICHETTI, L. S. et alii, 2021; MIRANDA, A. R. M.; PACHALSKI, L.; RICHETTI, L. S., 2022), pretende analisar as ocorrências de erros nas grafias dos dígrafos consonantais do português brasileiro (PB).

2. METODOLOGIA

Os textos são coletados a partir de oficinas de produção textual, aplicadas em três etapas: aquecimento, produção textual e socialização. Posteriormente, os textos são digitados, digitalizados e catalogados no Banco de Textos sobre Aquisição da Linguagem Escrita - BATALE (MIRANDA, 2001). Atualmente, o Banco conta com nove estratos, subdivididos em coletas que abrangem textos de crianças brasileiras, portuguesas e moçambicanas. A primeira etapa da pesquisa analisou as primeiras cinco coletas do Estrato 1, considerando todos os contextos para a grafia dos dígrafos. O montante analisado na primeira etapa, publicada em MIRANDA, A. R. M.; PACHALSKI, L.; RICHETTI, L. S. (2022) resultou em 979 textos espontâneos, 479 da escola pública e 500 da particular, 8286 contextos para a grafia dos dígrafos consonantais, a saber: dígrafos com H ou das palatais (<ch>, <nh> e <lh>); dígrafos com U ou das dorsais (<gu> e <qu>) e dígrafos heterossilábicos (<rr>, <ss>, <sc/sç>, <xc>, <xs>)². Para este estudo, foram acrescentados dados relativos a palavras

¹ Outras informações sobre a classificação adotada pode ser conferida em MIRANDA (2020)

² Os dígrafos considerados na primeira e segunda etapa da pesquisa, porém, são: <ch>, <nh>, <lh>, <gu>, <qu>, <rr>, <ss> e <sc>.

nas quais o dígrafo foi grafado mesmo não sendo previsto na ortografia, como por exemplo “brucha” para “bruxa”. Foram encontradas 382 ocorrências de grafias desse tipo. A pesquisa possui cunho quanti-qualitativo e foram consideradas as seguintes variáveis: a) tipo de erro, (fonológico, ortográfico e fonográfico, conforme MIRANDA (2020)); b) segmentação convencional ou não-convencional; c) tipo de escola (pública e particular).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A distribuição das ocorrências de dígrafos grafados fora da convenção ortográfica pode ser observada na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Distribuição quantitativa dos dígrafos por classificação adotada.

classificação	dígrafos com H			dígrafos heterossilábicos			dígrafos com U		ocorrências por categoria
	<ch>	<lh>	<nh>	<ss>	<sc>	<rr>	<gu>	<qu>	
segmentação não convencional	- 0%	1 3,03%	2 6,06%	5 15,15%	- 0%	25 75,75%	- 0%	- 0%	33 100%
fonológicos	9 10,8%	8 9,6%	16 19,2%	- 0%	- 0%	- 0%	47 56,6%	3 3,6%	83 100%
ortográficos	132 50%	4 1,2%	- 0%	91 34,4%	5 1,9%	26 9,84%	- 0%	6 2,2%	264 100%
fonográficos	2 100%	- 0%	- 0%	- 0%	- 0%	- 0%	- 0%	- 0%	2 100%
total de dígrafos	143 (37,4%)	13 (3%)	18 (5%)	96 (24,4%)	5 (1,3%)	51 (13,3%)	47 (14,5%)	9 (2,5%)	382 (100%)

A grafia dos dígrafos em posições onde estes não deveriam ser grafados pode indicar outras funcionalidades desta unidade grafêmica durante a aquisição da escrita e da ortografia. De acordo com as amostras, os dígrafos também parecem ser utilizados quando existem incertezas sobre outros aspectos da escrita, como a segmentação por exemplo. Quando há dúvidas em como segmentar graficamente a fala, principalmente as palavras átonas, os chamados clítics, vê-se a ocorrência de hipossegmentação (a) e hipersegmentação (b), conforme dados da amostra.

- (a) na rede - narrede (1º ano, escola pública)
já sei - jassei (2º ano, escola pública)
quem é - quenhe (1º ano, escola pública)
o lobo - olhobo* (1º ano, escola particular)

- (b) assustou - as_sostou (3º ano, escola pública)
se assustou - seas_sostou (3º ano, escola pública)

Casos de hipossegmentação como em (a) demonstram a utilização dos dígrafos em casos de dúvida perante a noção de palavra gráfica (ROSA, 2000), aprendida durante o processo de aquisição da escrita. Os dígrafos parecem já ser unidades estabelecidas à nível de explicitação, e são utilizados para conectar duas palavras gráficas: o espaço é substituído por uma unidade ortográfica, respeitando o contexto intervocálico. O caso de <lh> é o único que poderia resultar em uma mudança de significado, pelo papel distintivo observado entre // e /l/, podendo desencadear dúvidas sobre a ideia a ser expressa. O montante observado em <rr> diz respeito majoritariamente a grafias como ‘derrepente’ para ‘de repente’. Já os casos em (b) foram as únicas hipersegmentações da amostra. Os exemplos são

hipersegmentados respeitando os moldes silábicos possíveis na gramática fonológica do PB (LUFT, 1991). De 33 ocorrências, 30 são erros envolvendo os dígrafos heterossilábicos (<rr> e <ss>), o restante são erros pontuais dos dígrafos com H na primeira série, mais especificamente, <nh> e <lh>. Os erros interpretados como fonológicos nesta amostra sugerem conhecimentos que se referem à composição interna dos segmentos, como o traço [anterior], resultando em um registro de consoante [-anterior], como em (c), por exemplo.

(c) ortografia: 'senhor' - '**chen**hor' (1º ano, escola pública)
fonologia: /si'ɲor/ - /ʃi'ɲor/*

O dado em (c) pode ser interpretado como erro fonológico devido à troca de <s> por <ch>, possivelmente influenciada pelo conflito entre a gramática fonológica internalizada perante o processo de aquisição da escrita. Em relação ao uso de <gu> tem-se 47 ocorrências cuja maioria, porém, diz respeito à grafia do nome '*Maligna*' grafado como '*maliguina*'. O uso do dígrafo reflete a epêntese da vogal /i/ verificada na fala em PB, uma forma comum nos mais variados dialetos, o que parece influenciar também o registro na escrita. Quanto aos dígrafos com H, especialmente aqueles relacionados às soantes palatais, observa-se que motivaram erros como mostram os exemplos em (d):

(d) capinar - capin**h**ar (2º ano, escola pública)
iam - in**h**am (2º ano, escola pública)
queriam - querin**h**am (3º ano, escola pública)
veio - ven**h**u (3º ano, escola pública)
sentiam - sentin**h**am (4º ano, escola pública)
coincidência - con**h**ecidencia (4º ano, escola particular)

As inserções de <nh> exemplificadas em (d) são interpretadas como erros fonológicos que encontram eco na fala dos brasileiros. O fonema /ɲ/, representado pelo grafema <nh> na ortografia do PB, é tratado por alguns autores como segmento complexo (CLEMENTS; HUME, 1995), ou seja, um segmento que possui em sua estrutura interna uma articulação consonantal e outra vocálica. Nos dados, a grande maioria de inserções de <nh> relaciona-se à presença de hiatos envolvendo a vogal alta coronal e não se pode deixar de mencionar que hiatos tendem a ser evitados na língua. Erros envolvendo traçado, que entram no âmbito dos fonográficos, apresentam as menores incidências da amostra (1,4%), com 2 ocorrências apenas, ambas envolvendo <ch> ('*charo*' para '*claro*', por exemplo).

Os erros ortográficos representam maioria nos dados, um total de 264 ocorrências (69,2%). Esses tipos de erros se concentram entre alguns dígrafos analisados, principalmente <ch>, <ss> e <rr>. Em relação aos dígrafos com H, <ch> apresenta o maior número de ocorrências (132), envolvendo troca do grafema <x> por <ch>, como na grafia de '*brucha*' para '*bruxa*'. A grafia de <ch> no lugar de <x> pode indicar preferência à utilização do dígrafo na ortografia e, apesar de considerarmos aqui o dígrafo como um grafema complexo, ele parece se estabilizar como opção gráfica em momentos precoces da aquisição da ortografia.

Entre os dígrafos heterossilábicos, <ss> sobressai-se com 91 ocorrências (34,4%), em palavras onde a grafia de <s> seria o alvo, como '*furiosso*' para '*furioso*'. Já <rr> apresenta 26 ocorrências, principalmente onde o alvo era a grafia de <r>, como '*marrido*' para '*marido*'. Entre os erros ortográficos arbitrários, <ss> foi utilizado em 71 dados, sendo um substituto para os demais grafemas que podem

representar o /s/ na escrita, como <s>, <c/ç>, <z> e <x>. Foram poucas as ocorrências de <sc> substituindo os grafemas <c>, <s> e <x>. Uma ocorrência de <lh> foi encontrada ('*brulha*' para '*bruxa*') o que pode ser interpretada como um erro relacionado às dificuldades advindas dos dígrafos com H (as letras 'l', 'n', e 'c' acrescidas de 'h').

4. CONCLUSÃO

A partir da descrição do uso de dígrafos em contextos não esperados apresentada neste estudo, pode-se fazer algumas inferências sobre a grafia dos dígrafos consonantais na amostra analisada. A natureza dos erros encontrada nas coletas é diversa, o que indica tratamento diferenciado entre dígrafos e/ou grupo de dígrafos. Os erros ortográficos são maioria em <ch>, <ss> e <rr>, dígrafos que possuem relações arbitrárias ou contextuais com seus respectivos fonemas, explicando a alta incidência. Os erros fonológicos, apesar das ocorrências específicas de <gu> onde há uma epêntese para evitar sílaba não licenciada pela fonologia do PB são referentes principalmente às grafias dos dígrafos com H, <nh>, <ch> e <lh>, grafemas relacionados às consoantes palatais, notadamente aquelas que motivam discussões na literatura sobre sua constituição complexa. Já as segmentações não convencionais observadas em <rr>, denotam algum conhecimento do usuário sobre o contexto intervocálico necessário à sua presença. Por fim, os erros fonográficos ocorreram em quantidade ínfima na amostra, com ocorrências apenas em <ch>. Esses resultados corroboram aqueles encontrados na primeira etapa da pesquisa (MIRANDA, A. R. M.; PACHALSKI, L.; RICHETTI, L. S., 2022) e podem auxiliar o olhar pedagógico sobre os erros ortográficos durante o processo de aquisição da escrita e da ortografia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In.: GOLDSMITH, J. (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.
- LUFT, C. P. **Novo manual de português: gramática, ortografia oficial, literatura brasileira e portuguesa, redação e testes de vestibular**. 17. ed. São Paulo: Globo, 1991. 614 p.
- MIRANDA, A. R. M. **BATALE**: Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. 2001. Disponível em: <sistemavestigios.org>.
- MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. Belo Horizonte: **Educ. rev.** - vol.36, e221615, 2020.
- MIRANDA, A. R. M.; PACHALSKI, L.; RICHETTI, L. S. Os dígrafos do português brasileiro na escrita de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista da UFSC - Fórum Linguístico**, Florianópolis, 2022. No prelo.
- ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.
- RICHETTI, L. S.; REINEHR, N. V.; PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. A grafia dos dígrafos consonantais em textos espontâneos: descrição e análise. In.: XXX Congresso de Iniciação Científica UFPEl, 2021, Pelotas. **Linguística, Letras e Artes**, 2021.